

R ESENHAS

CASTRO, Celso. *Cultura e Personalidade – Margaret Mead – Ruth Benedict – Edward Sapir*. Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2015. 127 p.

Carlos Abraão Moura Valpassos

É professor adjunto no Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal Fluminense (UFF) no Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional - Campos dos Goytacazes. É bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (2004), mestre em Antropologia (2006) pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense (PPGA-UFF) e doutor em Sociologia e Antropologia pelo PPGSA/IFCS/UFRJ (2011). Dedicou-se ao estudo de controvérsias públicas, dramas sociais e questões relacionadas a rituais e simbolismo.

Quando questionados sobre “o que é a Antropologia?”, seja por neófitos na disciplina ou por pessoas formadas em outras áreas de conhecimento, é possível que mesmo antropólogos experientes, que dominam a história da Antropologia e conhecem em profundidade os debates por vezes ácidos em torno do conceito de “cultura”, na tentativa de uma resposta clara e sucinta, formulem algo como “é a disciplina que estuda as culturas humanas”. Embora essa seja uma forma econômica – para não dizer “pobre” – de resumir as coisas, podemos ver, já por este exemplo, o papel crucial desempenhado pelo conceito de cultura para a Antropologia.

Tanto para os “neófitos” quanto para os “anciões” da Antropologia, a leitura de textos consagrados sobre temas clássicos é uma questão da maior importância, pois aos primeiros permite o ingresso nos debates, e aos segundos a recordação de argumentações ou a oportunidade para releituras possivelmente gratificantes. Este é o caso do livro *Cultura e Personalidade*, organizado por Celso Castro e publicado, em 2015, pela editora Jorge Zahar, trazendo traduções inéditas no Brasil de três ensaios escritos respectivamente por Margaret Mead (1901 – 1978), Ruth Benedict (1887 – 1948) e Edward Sapir (1884 – 1939).

Celso Castro é professor titular do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), atual Escola de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV), onde atua desde 2005 como diretor. Em seu currículo, além de livros e artigos destinados ao estudo dos militares no Brasil, destaca-se a organização de dois livros que compõem, com *Cultura e Personalidade*, um conjunto fundamental de introdução à Antropologia: *Franz Boas – Antropologia Cultural* (2004) e *Evolucionismo Cultural* (2005). No primeiro, Celso Castro reuniu a tradução de cinco artigos de Boas (1858 – 1942), retirados de *Race, Language and Culture*, e acrescentou uma introdução biográfica sobre o autor, capaz de situá-lo no contexto histórico em que atuou; no segundo, Castro elaborou uma breve, porém rica, introdução ao contexto onde surgiram os debates sobre os problemas da evolução e sua articulação com a Antropologia da época, para então dispor três textos fundamentais da aurora de nossa disciplina: *A Sociedade Antiga*, de Lewis Henry Morgan; *A Ciência da Cultura*, de Edward Burnett Tylor; e *O Escopo da Antropologia Social*, de James George Frazer.

Em *Cultura e Personalidade*, Celso Castro escreveu uma apresentação com estilo claro, didático e instigante. É capaz de guiar os primeiros passos dos estudantes e, ao mesmo tempo, de atrair a atenção de profissionais já experimentados. Castro mescla informações históricas da primeira metade do século XX com aspectos biográficos de Mead, Benedict e Sapir, num texto fluido que, desde as primeiras linhas, já “fisga” o leitor e o prepara para o que vem a seguir.

Como o título sugere, os textos selecionados abordam a relação entre “Cultura” e “Personalidade”, tendo como pano de fundo os debates promovidos, na época, sobre o conceito de cultura, na Antropologia, e as questões relacionadas ao aprendizado e aos “tipos”, na Psicologia. Os dois termos fornecem a base das reflexões apresentadas nos três artigos, impulsionando o debate sobre o ajustamento dos indivíduos aos padrões de comportamento sugeridos ou impostos por suas sociedades.

Margaret Mead [1928], nos trechos selecionados de *Adolescência em Samoa*, a partir de suas observações etnográficas realizadas na década de

1920, questiona o caráter “biológico” dos problemas enfrentados nas famílias americanas na educação dos “adolescentes”. Pois, na época, apontava-se que o comportamento rebelde seria uma marca universal da adolescência, resultado de transformações hormonais que ocorriam nesse período da vida dos indivíduos e levavam, assim, a uma série de conflitos no ambiente familiar. Mead utiliza então o caso das meninas samoanas para ilustrar como uma outra formação cultural, com outro arranjo familiar e outra distribuição de deveres e expectativas, gerava uma adolescência que de modo algum fazia lembrar aquela vivida em seu país de origem. Os problemas da adolescência americana, de acordo com sua perspectiva, não se apresentavam em Samoa, o que permitia sugerir que não havia um caráter biológico determinante das atitudes e comportamentos de todos os seres humanos nesse período da vida. O texto é, também, uma crítica à sociedade americana da época e sua preocupação de repressão da sexualidade das jovens.

A pesquisa de Mead promoveu um dos mais acalorados debates da Antropologia, pois foi duramente criticado e questionado por Derek Freeman, antropólogo neozelandês que realizou trabalho de campo em Samoa no início da década de 1940. Para aqueles que desejarem o debate sobre o trabalho etnográfico, a articulação entre o texto de Mead e as críticas oferecidas por Freeman possibilitam um rico material para reflexão.

Ruth Benedict, em *Configurações de Cultura na América do Norte*, analisa povos indígenas norte-americanos, apresentando os Pueblo como detentores de uma cultura de tipo “apolíneo” e as tribos que os circundam como exemplos de culturas “dionisíacas”. Os primeiros são marcados por uma “busca cultural de sobriedade e moderação, da desconfiança em relação ao excesso e à orgia”; ao passo que os segundos valorizam “o excesso como fuga para uma ordem de existência além daquela dos cinco sentidos e encontra sua expressão na criação, no plano da cultura, de experiências dolorosas e arriscadas, e no cultivo de excessos emocionais e psíquicos, na embriaguez, nos sonhos e no transe” (p. 72).

Nesse sentido, Benedict interpreta a questão dos comportamentos “desviantes” como casos de indivíduos que não tinham os aspectos caracte-

rísticos de suas personalidades como qualidades valorizadas em suas respectivas sociedades. Pessoas introspectivas e pouco dadas à expressão de seus sentimentos se enquadrariam bem em sociedades de “tipo apolíneo”, mas apresentariam um comportamento em descompasso com aquele valorizado e estimulado em sociedades de “tipo dionisiaco”: “o desajustado é a pessoa cuja disposição não é capitalizada por sua cultura” (p. 106).

Em *A emergência do conceito de personalidade em um estudo de culturas* [1934], Edward Sapir busca salientar a relação entre indivíduo e cultura. Argumenta que as culturas não podem ser analisadas como “entidades objetivas” (Cf. p.116), pois sua homogeneidade e totalidade representam abstrações efetuadas a partir de padrões idealizados – que sofrem infinitas variações nas perspectivas individuais. Nesse sentido, o aprendizado cultural não se dá a partir de um movimento abrupto e uniforme sobre os indivíduos: “a cultura não é então algo dado, mas algo a ser descoberto aos poucos e às apalpadelas” (p. 121). A preocupação com o desenvolvimento da “personalidade” e sua relação com o ambiente cultural se destacam no trabalho de Sapir, que sugere a importância do estudo desenvolvimento das crianças como crucial para a compreensão da apreensão individual dos símbolos e valores culturais.

Dada a relevância do conceito de “cultura” para a Antropologia, o livro organizado pelo professor Celso Castro apresenta-se como um item indispensável no “enxoval” dos artífices da disciplina. Para os professores, representa um instrumento de trabalho precioso a ser utilizado com os estudantes dos cursos de graduação; para estes últimos, uma porta de entrada no universo da Antropologia e, mais especificamente, nos debates sobre “cultura”.

REFERÊNCIAS

1. BOAS, Franz. **Antropologia cultural**. Org. Celso Castro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
2. CASTRO, Celso (Org.). **Evolucionismo Cultural – Textos de Morgan, Tylor e Frazer**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.